

página 329, Juan Francisco Domínguez apresenta informação semelhante, de forma totalmente independente, sobre o mesmo autor, em lugar de remeter para a nota onde já se tinha falado dele.

Esta falta de uniformização não pode tirar os inegáveis méritos de dois trabalhos excepcionais, reunidos neste volume que servirá de grande ajuda aos estudiosos do humanismo quinhentista e seiscentista.

**Guerrier, Olivier (éd.) *Plutarque de l'Age classique au XIXe siècle: présences, interférences et dynamique*, Paris, J. Millon, 2012, 357 pp., ISBN: 978-2-84137-267-6.**

EDUARDO MACHADO (*CEC, Universidade de Lisboa/Bolseiro FCT, Portugal e Doutorando da Universidade de Rouen, França*)<sup>2</sup>

A presente obra é o resultado de um colóquio sobre Plutarco, realizado em Toulouse em 2009 e insere-se no âmbito dos estudos da receção do biógrafo e moralista queronense. Note-se que a receção de autores antigos tem vindo a ser uma área privilegiada por muitos investigadores da antiguidade que a consideram cada vez mais fundamental para a compreensão das leituras e apropriações que são feitas por autores posteriores, sobretudo após a influência determinante da *teoria da receção* de Hans-Robert Jauss.

Plutarco tem sido, de facto, um autor muito estudado nesta perspectiva, sob a égide da IPS (*International Plutarch Society*)<sup>3</sup> que coordena, por intermédio das suas secções nacionais, colóquios anuais sobre variadíssimos aspetos dessa herança. Prova disso mesmo é o número elevado de publicações. A secção portuguesa, atualmente dirigida pelo Professor Delfim Ferreira Leão, já contribuiu com obras coletivas que incidem sobre o contexto europeu e português<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> macheduardo@gmail.com.

<sup>3</sup> <http://www.usu.edu/ploutarchos>.

<sup>4</sup> José Ribeiro Ferreira, Delfim Ferreira Leão, (org.) *Os fragmentos de Plutarco: e a receção da sua obra*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2003; Ferreira, José Ribeiro, (éd.) *Plutarco educador da Europa* (actas do congresso, 11 e 12 de novembro de 1999), Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2002; Aproveitamos aqui para louvar os trabalhos realizados pela equipa portuguesa no âmbito do projeto Plutarco, financiado pela FCT, que comportam também várias traduções de Vidas de Plutarco.

A grande parte dos vinte e três ensaios apresentados nesta obra centra-se quase exclusivamente na idade moderna em França, do século XVII ao século XIX<sup>5</sup>, inserindo-se em seis temáticas bem distintas: *variações filosóficas no século XVII*; *Plutarco e a tragédia*; *O Plutarco das damas*; *Usos, tradições e edições (séculos XVII e XVIII)*; *Plutarco nos debates filosóficos do século XVIII*; *Revolução e Contra-revolução*; e uma derradeira sobre as *Perspetivas europeias e modernas*.

Na primeira temática, é evidenciada a verdadeira fascinação dos elementos da *Accademia Degli Incogniti* de Veneza pelas *Vitae*, obra que os guia na descoberta da ideia de “*identidade narrativa e heroica*”, explorando-a no sentido anticonformista do mito e da fábula (Evelien Chayes). Segundo Philippe Chométy, Plutarco é também uma referência para a “*poésie d'idées*” do século XVII, na medida em que constitui um “*vetor privilegiado de transmissão*” dos saberes relacionados com a poesia (p. 34), e um defensor dos laços estreitos entre poesia e filosofia (p. 41). No que diz respeito à tragédia e à tragicomédia francesas do século XVII, três ensaios analisam a capacidade de adaptação ao teatro das figuras plutarquianas do tratado *Mulierum virtutes* (Charles Mazouer), o momento trágico refletido pelos “*espetáculos de horror*” (Hervé-Thomas Champagne) ou ainda de um modo mais profundo a questão do “*desafio poético e ideológico*” da passagem da biografia à tragédia (Enrica Zanin). A dramatização e a moralização das Vidas pelos dramaturgos está assente, como defende Zanin, numa certa ambiguidade nas Vidas, ilustrada pelo caso do suicídio de Marco António. É precisamente essa “*ambiguidade moral*” (p. 80) que constituirá a fonte inspiradora dos dramaturgos ‘modernos’, ávidos de questionar a *fortuna* dos heróis.

Na temática consagrada ao *Plutarco das damas*, é abordado o projeto de uma antologia de vidas antigas e modernas de Madame de Charrière e a inspiração e presença do biógrafo queronense na sua correspondência (Paul J. Smith), assim como a iconografia feminina (Emilie Hamon-Lehours), e analisada a distância tomada por Madame de Villedieu, nomeadamente na

---

<sup>5</sup> A receção da obra de Plutarco na época moderna é alvo de um estudo anterior pela secção espanhola: Rosa María Aguilar, Ignacio Rodríguez Alfageme, *Ecos de Plutarco en Europa: de fortuna plutarchi: studia selecta*, Madrid: Sociedad española de plutarquistas, Universidad complutense, 2006.

sua obra *Annales Galantes de Grèce*, em relação ao modelo moral masculino antigo fundado sobre a antinomia virtude-vício, ao qual se sobrepõe uma tendência para a feminização, alteração, e invenção de dados históricos e de figuras heroicas (Valentina Paci). Os autores destes três ensaios insistem nos variados processos de transfiguração do ideal das figuras antigas incarnado por Plutarco, processos esses que vão desde a metamorfose da concepção à elaboração de novos meios de expressão.

No capítulo *Usos, tradições e edições (séculos XVII e XVIII)*, Grémy-Deprez estuda a influência do biógrafo queronense no processo de *dessacralização do ethos guerreiro* na obra *Dialogues des Morts* de Fénelon, que sendo preceptor do príncipe duque de Borgonha, se pode identificar com a imagem de Plutarco, mestre do imperador Trajano. Nesta análise, o autor salienta a importância das *Vitae*, especialmente a *Vida de Alexandre* como elemento catalizador dos valores de moderação e de humanidade que Fénelon deseja inserir no seu projeto pedagógico. Por seu turno, Chantal Carasco põe em relevo a transformação da percepção da História em meados do século XVII na sua análise da obra *La Conjuración des Gracques* de Saint-Réal, em que o autor de *De l'usage de l'histoire* se afasta do *topos* moralizador da ação heroica. Um artigo sobre a tradução das *Vidas* realizada por André Dacier define os objetivos pedagógicos de um tradutor que tenta recuperar a fama já periclitante de Plutarco, insistindo no caráter didático das *Vitae* (Eric Foulon). Por fim, Jean-Noël Pascal trata do caráter didático da biografia que ficará sistematicamente ligado ao nome de Plutarco e que dará origem à produção de antologias de figuras ilustres, como por exemplo *Le Plutarque de la jeunesse*, *Le Plutarque français* etc.. O leque de obras deste género, alerta o autor, é um domínio ainda mal explorado e poderá constituir um material interessante para os historiadores da historiografia ou para os especialistas em literatura pedagógica (p. 187).

No capítulo dedicado aos debates filosóficos do século XVIII, Cammagre questiona-se sobre a inexistência de um artigo consagrado ao moralista queronense na Enciclopédia de Diderot e estuda as menções que lhe são feitas noutros artigos, ao passo que Lepad e Guichet estudam a influência do biógrafo e moralista queronense na obra de Rousseau, nomeadamente no que diz respeito à esfera moral e política com repercussões

pedagógicas no pensamento do filósofo das Luzes. Dois artigos sobre a noção de superstição encerram esta temática. Argaud salienta a crítica apresentada por Bayle em *Pensées diverses sur la comète* à preferência de Plutarco pelo ateísmo em relação à superstição, e Badelon analisa as leituras filosóficas da noção de superstição em Inglaterra, salientando a importância dos *Moralia* no desenvolvimento de um novo modo de filosofar, centrado na reflexão sobre os valores cuja dimensão moral se tornou indispensável.

A Revolução francesa é outro dos temas abordados. Plutarco, figura “intempestiva”, aparece como uma fonte incontornável de reflexão sobre os modelos e os discursos heroicos da antiguidade, influenciando de maneira determinante o pensamento revolucionário (neste artigo Éric Avocat revela também o papel de Plutarco na visão socialista da revolução francesa de Jean Jaurès). Os outros dois artigos desta temática centram-se na apropriação e tradução de Joseph de Maistre do tratado *De sera numinis vindicta* (Rohrbasser e Frazier).

Para terminar, três artigos oferecem uma abertura temática sobre perspetivas europeias e modernas: um de Desideri sobre os trabalhos de Silvestro Centofanti (1794-1885), autor italiano de trabalhos ainda pouco estudados em torno de Plutarco (cf. *Saggio sulla vita e sulle opere di Plutarco*, 1850). Nos dois derradeiros ensaios, David-de Palacio trata o tema do “antiplutarquismo” no contexto germânico, americano e francês, analisando autores que recusam o modelo da imitação incarnado pelas grandes figuras heroicas do passado, e Gefen traça sumariamente uma pequena história do progressivo eclipse do modelo plutarquiano da biografia moral, substituído progressivamente por contramodelos, que colocam no centro das atenções a “microhistória” e as pequenas figuras marginais (cf. por exemplo Foucault, *Vies infâmes* (1976), Pierre Michon, *Vies Minuscules* (1984), Giuseppe Pontiggia, *Vite di uomini non illustri* (1994)).

Esta longa enumeração dos ensaios coligidos revela a diversidade de temas abordados e os contextos metodológicos utilizados para estudar as diferentes (re)leituras e apropriações da obra de Plutarco. Instrumento importante para uma reflexão sobre os mecanismos de (re)intrepretação de autores e de transformação de modelos da antiguidade, esta obra revelar-se-á um documento preciosíssimo para os especialistas da receção de Plutarco

e para o ramo dos estudos da receção em geral dada a sua originalidade no campo dos estudos plutarquianos, tendo em conta as várias pistas de reflexão e os novos campos de pesquisa que as análises apresentadas desvelam. Os artigos foram inseridos em lógicas coerentes de reflexão em torno dos mecanismos da receção estudados. Embora alguns artigos sejam focalizados sobre a influência em Inglaterra ou na Alemanha, os estudos incidem principalmente sobre a realidade francesa, o que caracteriza a sua especificidade. No entanto, notamos a ausência de uma pequena introdução a estes mesmos capítulos, assim como uma bibliografia no final da obra e de cada artigo, o que constituiria uma contextualização muito valiosa e oportuna. Não obstante, é também de realçar a relevância da apresentação das diferentes perspetivas e dos métodos de pesquisa utilizados, em muitos casos multidisciplinares, partilhados pelos autores. É de louvar, neste sentido, o vasto e complexo trabalho hermenêutico levado a cabo pelos investigadores que perscrutaram a diferentes níveis: literário, ideológico, filosófico e mesmo pedagógico, as marcas da evolução da herança plutarquiana na idade moderna.

**Christophe Rico, *Polis: Parler le grec ancien comme une langue vivante*, Cerf, 2009, 295 pp. + CD audio ISBN: 978-2-204-08757-5**

EDUARDO MACHADO (*CEC, Universidade de Lisboa/Bolseiro FCT, Portugal e Doutorando da Universidade de Rouen, França*)<sup>6</sup>

Eis um projeto ambicioso e controverso: ensinar o grego antigo como uma língua “viva”, utilizada no quotidiano. Impossível? Não! Christophe Rico, autor deste manual, já aplica ao grego helenístico os métodos de ensino-aprendizagem das línguas modernas desde 1993 na universidade hebraica de Jerusalém com muito sucesso.

Na introdução à obra, que já foi traduzida em alemão e italiano, o autor explica os objetivos e a metodologia utilizada na conceção deste manual. O objetivo parece simples: apresentar um livro de iniciação ao grego *koinê* e preparar o aluno à leitura fluente de textos no original grego sem dicionário, meta que, segundo Christophe Rico, não é atingida por

---

<sup>6</sup> macheduardo@gmail.com.